



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

## **O QUE É SER EDUCADOR NO SÉCULO XXI?**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**Patrícia Zavarese**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2009.**

# **O QUE É SER EDUCADOR NO SÉCULO XXI?**

**por**

**Patrícia Zavarese**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional,  
do Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa, da Universidade Federal  
de Santa Maria (UFSM, RS), para obtenção do Grau de  
**Especialista Em Educação.**

**Orientador: Professor Dr. Celso Ilgo Henz.**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2009**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa  
Curso de Especialização em Gestão Educacional**

A comissão examinadora abaixo assinada,  
aprova a Monografia

**O QUE É SER EDUCADOR NO SÉCULO XXI?**

elaborada por  
**Patricia Zavarese**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Celso Ilgo Henz**

---

**Prof. Dr. Clóvis Renan Jacques Guterres**

---

**Prof. Dr. Valdo Hermes Barcelos**

Santa Maria, 25 de junho de 2009.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização em Gestão Educacional  
Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa  
Universidade Federal de Santa Maria

### **O QUE É SER EDUCADOR NO SÉCULO XXI?**

Autora: Patricia Zavarese  
Orientador: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz  
Santa Maria, 25 de junho de 2009.

Esta pesquisa busca discutir o momento de incertezas que estamos vivenciando no sistema educativo e na sociedade. Com isso, urge a necessidade dos educadores-gestores refletirem sobre seus papéis o paradoxo entre o mundo competitivo e o mundo humanizado. Para isto, faz-se necessário lançar um novo olhar sobre a prática educativa, traçando novas perspectiva para uma educação humanizadora, construindo um novo espaço, uma nova escola, através de ações coletivas que abram espaço para a reflexão, a democracia e a autonomia. O presente trabalho procura apresentar alguns aspectos de uma gestão democrática nas escolas, a reflexão consciente do professor e a sua prática resignificada. Neste sentido, a pesquisa alicerça-se, principalmente, nos escritos de Paulo Freire, Moacir Gaddotti e outros autores afins, os quais entendem a educação como um processo contínuo e humanizador. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. Observou-se que, apesar de esforços de alguns educadores, ainda encontramos processos fragmentados, individualistas, bem como os educadores possuindo conhecimento e um envolvimento superficial sobre as questões educacionais, demonstrando assim a necessidade de clareza, aprofundamento e inclusão a respeito desta temática. Portanto, os educadores têm muitos desafios à frente, acreditamos que o maior deles é tornar a escola um lugar de relações, de reciprocidade, resgatando a esperança na educação e em todas as esferas, começando por fazer as pessoas sentirem-se “gente”, onde cada um possa sentir-se sujeito no processo de construção de uma gestão democrática e, assim, consigam, desde muito cedo, vivenciar o diálogo e a amorosidade em toda a ação realizada.

Palavras-chave: educadores; reflexão; educação humanizadora.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização em Gestão Educacional (Specialization Monograph on Educational Monograph)  
Departamento de Pós-Graduação e Pesquisa (Post-Graduation and Research Department)  
Universidade Federal de Santa Maria

### **WHAT IS IT TO BE AN EDUCATOR IN THE 21<sup>st</sup> CENTURY?**

Author: Patricia Zavarese  
Tutor: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz  
Santa Maria, June 25<sup>th</sup>, 2009.

This monograph seeks to discuss the moment of uncertainty we are experiencing in both the educational system and the society. Because of it, the need for the educators-managers to reflect on their roles and the competitive and humanized worlds' paradox urges. So it is possible, we need to cast a new look on the educational practice, adopting new perspectives for a humanistic education, building a new space, a new school, through collective acts that may make room for democracy, autonomy and reflection. The monograph presented here seeks to approach some aspects of a democratic school management, of a conscious reflection by the teacher and the reformulation of the meaning of his practice. On this aspect, the monograph is based, mainly, in the works of Paulo Freire, of Moacir Gaddotti and similar authors, which perceive the education as a continuous humanizer process. Methodologically, this monograph is a bibliographical research. We observed that, despite the effort made by some teachers, fragmented, individualistic processes could still be found, as well as the educators still having a low knowledge level and a superficial involvement in the educational matters, so manifesting a need for clarity, scrutiny and inclusion on the theme. Therefore, the educators have many challenges ahead of them, we believe that the biggest would be to make the school a place for reciprocal relationships, redeeming the hope in education, into every sphere, initiating by making people feel "human", so each one may feel like a subject on the construction process of a democratic management and, by so, be able, since very early in life, experience dialogue and affection in every act performed.

Keywords: educators; reflection; humanistic education.

## **AGRADECIMENTOS**

... a Deus pela oportunidade desta existência.

... ao educador Dr. Celso Ilgo Henz

... ao Jocelly, meu marido.

... a minha tão esperada filha Letícia, na qual me dá forças a cada dia para continuar a minha caminhada feliz.

...a minha mãe Eronita, pelo incentivo diário e também a toda a minha família, em especial: Renato, Daniela, Andriela, Gabriela e Nathaniel.

... aos colegas de trabalho, em especial as amigas e companheiras: Patrícia Machado, Cristina Bento, Santa e Nilta.

... a todos os meus alunos e demais pessoas que fazem parte do Colégio Antonio Alves Ramos e Coração de Maria, onde com eles aprendo coisas novas a cada dia.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	04
<b>ABSTRACT</b> .....	05
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	07
<b>2 -INSTITUIÇÃO ESCOLAR – GESTÃO</b> .....	13
<b>2.1 Educador reflexivo</b> .....	27
<b>2.2 Identidades do professor</b> .....	31
<b>3 CAPÍTULO II - RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA – UMA PRÁTICA REFLEXIVA E CONSCIENTE</b> .....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	49

## APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa teve origem a partir da minha caminhada como acadêmica e também enquanto educadora nas séries iniciais, uma vez que foi oportunizada a convivência com diferentes educadores, os quais tinham diferentes posturas e maneiras de educar: alguns com dialogicidade, reflexivos e outros impositores de regras, agiam como donos absolutos dos saberes, das verdades e de poderes; também, como educadora, senti a necessidade de aprofundar, repensar e ressignificar os conhecimentos construídos durante este tempo, instigava-me a conhecer e compreender o que é ser educador perante os desafios desta sociedade atual.

Através de diálogo com outros educadores, percebi a pertinência de aprofundar a investigação sobre questões relacionadas à busca de novas significações para a prática pedagógica, perante a perda da utopia, da esperança e do sonho do educador, bem como frente a esta sociedade neoliberal que dificulta o resultado do trabalho do educador de tornar mais sólido a expectativa de um mundo mais humano.

Já que a realidade está muito longe do sonho, precisa-se investigar, conhecer e desenvolver outras maneiras de ver o mundo e talvez buscar respostas para perguntas freqüentes que aparece nas conversas de educadores: Porque e para que ser educador? Nesta complexidade que se vive atualmente, busca-se para um melhor trabalho a segurança e meios para superar os desafios. Portanto é necessário recuperar ou conquistar o sonho de um mundo melhor. Talvez possamos refletir sobre o assunto quando lemos uma mensagem escrita por um prisioneiro de campo de concentração nazista, depois de ter visto a odiosidade de uma guerra, encontrada no livro: Tecnologias do conhecimento, do autor Dowbor (2001):

...crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades e solicita aos educadores ajudem seus alunos a tornarem - se humanos.

...ler, escrever e aritmética só são importante para fazer nossas crianças mais humanas. (DOWBOR, 2001)

Discutir novos caminhos e horizontes diferentes deste mundo descrito pelo prisioneiro para a educação e para a nossa sociedade violenta, excludente e desumana requer ousadia e inovações dos diferentes profissionais que atuam no contexto educacional. Portanto precisa-se superar a educação fragmentada do paradigma fordista-taylorista, que ainda perpetua, onde o

requisito principal é o preparo para o mundo do trabalho, enfatizando a competição e o individualismo.

Discursos inovadores aparecem a todo o momento na educação como, universalização do ensino, erradicação do analfabetismo, porém nunca desaparece o sistema hierárquico e dividido, que continua reproduzindo a divisão social do trabalho. E com a crise que a educação vem enfrentando, devido novas exigências e novos olhares, os educadores precisam compreender a educação de forma globalizada. É tempo de buscar novos caminhos, saindo do imobilismo que há tempos estamos vivendo, precisamos caminhar com as incertezas, analisando a prática e a teoria de modo consciente, discutindo e identificando os fatores negativos e buscando novas possibilidades para uma educação humanizadora.

Assim, todas as pessoas, gestores-educadores, vão apontando caminhos para a construção de novos olhares, novos conhecimentos, onde educandos-educadores-gestores começam a “pensar certo” (Freire, 1998), a comunicar-se, enfim, ser capazes de organizar sua própria vida, todos tenham possibilidades de enfrentar este novo mundo com transformações velozes, perpetuando relações de respeito, reciprocidade e amorosidade.

Neste novo século, precisamos transformar a educação “de transferência de conhecimento para gestora de conhecimento”. Para isto, precisam ter novas formas de gestão e conseqüentemente um novo olhar sobre nossos educandos, onde velhas formas de pensar e agir dos educadores devem ser modificados a fim de atender de forma mais eficaz a vida de cada pessoa. Portanto, precisa-se desenvolver a consciência dos profissionais da educação, porque a simples transferência de conhecimento sem relação com o cotidiano não leva a uma educação humanizadora e dialógica, tornando, assim, educandos apáticos, não sujeito da transformação social e pessoal.

Nesse tempo de desafios para a educação, onde as contradições são claras: alguns educadores, arriscando-se na tentativa de mudanças, destacando a humanização das pessoas; outros na sua permanência da verdade absoluta, tudo isto dentro de uma sociedade que nos embute uma cultura de poder, de empregabilidade e competitividade, e o educador tem a difícil e complexa tarefa de educar, mediando às informações e assegurando conhecimentos, valores essenciais em relação ao exercício da cidadania livre de preconceitos e paradigmas já superados.

Para assegurar uma cultura humanizadora, busca-se uma escola mais aberta com valores escolhidos e construídos junto à comunidade, enfim valores verdadeiros para uma vida e para uma sociedade mais fraterna. Para isto, os educadores-gestores precisam refletir sobre os conhecimentos ultrapassados, bem como são transmitidos, das falhas que o ensino

cometeu e dos currículos ocultos, a sim reaproveitá-los, buscando novos saberes, novos rumos e novas relações entre família-escola-educadores-alunos e professores. Porém, para a construção desse novo rumo, os educadores-gestores precisam ter uma visão de mundo consciente, crítica e total, pois é de grande valia para a realização de um trabalho significativo, ou seja, desde simplicidade até suas ações e relações complexas. Assim caminharemos para uma educação humanizadora, onde cada educando consiga conhecer a si mesmo, com consciência e liberdade de ação.

A verdadeira educação humanizadora passa por esse tripé da dignidade humana que constitui o ser humano: consciência (conseguida pela reflexão), liberdade e responsabilidade que supõe liberdade (e liberdade que supõe consciência). Educar é esse processo ativo de a pessoa desabrochar, tornar ato o que o que já existe nela em potência. Mas esse processo não é uma pessoa, ou um profissional, um “professor”, quem o faz. Quem o faz é o ser humano ele mesmo, através da reflexão. (HENZ, 2007, p.118)

Ao contrário da Escola Tradicional (do início do século XX), que acredita que o educando deve receber todo o conhecimento pronto e acabado, com uma única tarefa de repetir para aprendê-la e repetir para ser avaliado, sendo as informações decoradas ou memorizadas e o educador é o detentor das verdades e do conhecimento, o atual contexto escolar tenta conhecer e construir uma cultura crítica e transformadora, uma aprendizagem desafiante ao ser humano. Onde é possível o aluno vivenciar um processo dinâmico e reflexivo capaz de (re)construir o conhecimento de acordo com cada realidade, oportunizando ação e reação diante dos fatos vividos no cotidiano, tornando-se conscientes, livres e responsáveis.

Enquanto educador, neste momento de crises e de transição, precisa incorporar na educação comprometimento e responsabilidade, salientando a importância da reflexão do todo, isto é, de sua prática, de seu educando, da sociedade e das relações pessoais. Assim ressalta a urgência da mudança no sistema educacional. E aos poucos a educação construirá novas concepções, deixando para trás as antigas máscaras edificadas dentro de uma visão habitual.

Neste sentido, o caminho em cima das incertezas é importante, mesmo correndo risco de errar, de fracassar ou, até mesmo, de enfraquecer diante das dificuldades. A escola, por ter inúmeros desafios neste novo tempo, não pode aceitar a passividade do professor, nem do aluno. É preciso buscar mudanças tanto no educador quanto na escola e, conseqüentemente, em todo o sistema, deixando de lado o modelo tranquilo e repetitivo, pois a educação precisa ser “concreta”, ter ‘os pés no chão’, com uma metodologia dialógica, levando os educandos a

emitir sua opinião de forma clara e consciente, discutir, discordar, que estimule o conhecimento científico, pensamento reflexivo e a humanização, enfim, uma educação que oportunize cidadania e cidadãos capazes de pensar e agir.

Para atender a estes desafios que passam a existir nesta sociedade, surge a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), permitindo a flexibilidade dos currículos, bem como a construção do Projeto Político Pedagógico, no qual podem elencar projetos e metodologias transformadoras, a fim de que possa desenvolver no educador e educando a criticidade, flexibilidade, a humanização e o dinamismo; enfim, com capacidade de entender o mundo globalizado que estamos inseridos, bem como perceber suas exigências e suas contradições.

Para isto, é imperioso que o educador se autoconheça, pois somente identificando seus limites e potencialidades é que o educador vai ganhar força para lutar e reconquistar sua autoestima, bem como deixar claro o seu papel na educação, capaz de se tornar um verdadeiro agente de mudança. Porém é necessário um educador autônomo e com iniciativa, que compreenda e faça uso da afetividade para a transformação da sociedade, para que se torne mais humana e mais justa para todos.

Neste sentido, motivei-me a investigar sobre o educador e sua atual situação. Então, definimos a seguinte problematização para orientar a pesquisa: o que é ser educador de modo que se faça a diferença na realidade modificando-a e para uma melhor consciência das pessoas?

Apoiamo-nos ainda nas seguintes questões: É possível o educador humanizar as pessoas? Como iniciar uma gestão mais livre nas escolas? É possível deixar de lado sua prática tradicional e tornar uma prática significativa? O educador tradicional pode tornar-se um educador reflexivo?

Nessa perspectiva, de compreender a verdadeiro papel do educador no meio escolar e a sua relevância para a humanização, implica na temática que segue: O que é ser educador? Este trabalho tem como objetivo geral compreender o que é ser educador frente a tantos desafios, neste tempo de diversidades, bem como que caminhos percorrer ou até mesmo construir dentro de um olhar humanizador, conhecendo a importância de proporcionar a todos um espaço para construção das relações humanas e não de competição e individualismo. E também tem como base os seguintes objetivos específicos: Conhecer a importância da reflexão na prática cotidiana dos educadores para que possam buscar mudanças significativas no espaço escolar, bem como compreender a gestão democrática para melhor aplicar e aceitar, tornando a escola um lugar de humanização.

Perante a caminhada percorrida para a realização deste trabalho, alguns temas e objetivos foram propostos, onde foi elencada a pesquisa bibliográfica, como subsídio para desenvolvê-la. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Neste tipo de pesquisa, os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência, devido sua forma de utilização, podendo ser classificados como leitura corrente ou de referência. Os livros de leitura corrente abrangem as obras dos diversos gêneros literários, que objetivam conhecimentos científicos ou técnicos. Já os livros de referência são aqueles que têm como objetivo possibilitar a rápida obtenção das informações requeridas.

Segundo Gil (2006), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato do investigador à cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla que o investigador poderia pesquisar diretamente... Esta vantagem torna-se importante quando o problema requer dados muito dispersos pelo espaço. Por fim, Gil afirma que a pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não como base em dados bibliográficos.

Porém cabe ao investigador ter certo cuidado a fim de que a pesquisa bibliográfica não tome um rumo diferente das fontes secundárias as quais apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. E a pesquisa fundamentada nessas fontes tende a reproduzir ou até mesmo ampliar os erros que ali constam.

Nesse sentido, para reduzir a possibilidades de erros, o investigador deve analisar profundamente cada informação para descobrir as possíveis incoerências ou contradições. Outra maneira de evitar seria consultar várias fontes para que o investigador possa analisar cuidadosamente as diferentes idéias.

Com o intuito de facilitar o entendimento do assunto que aborda a pesquisa, este estudo foi dividido em dois capítulos. No primeiro, “Instituição Escolar”, buscamos contextualizar a realidade vivenciada hoje nas escolas e apontamos alguns pontos sobre uma gestão mais livre, onde há espaço para a dialogicidade, relações recíprocas e não de autoridade e cobrança de resultados. Dentro deste capítulo, também apontamos ideias sobre a importância da reflexão consciente dos educadores para que ocorram mudanças significativas, bem como a superação da crise de identidade enfrentada nesta categoria.

No segundo, “Ressignificação da prática pedagógica: uma prática reflexiva e consciente” busca-se conhecer pontos referentes a este processo. Assim aponta-se a necessidade da auto-reflexão e também sobre a prática que cada um realiza. Procurou-se

assinalar alternativas possíveis para que cada educador sinta-se capaz e motivado para esta busca.

A partir dos referenciais nos quais fundamenta-se a pesquisa, procura-se dialogar e entender o assunto, ressignificando o conhecimento construídos até aqui.

# CAPÍTULO I

## 2 - INSTITUIÇÃO ESCOLAR – GESTÃO

A escola até hoje moldada não atende mais as necessidades dos educandos, pois exige um novo homem, que saiba lidar com a enorme gama de informações e possa dar significado a estas informações, ou seja, capaz de interpretá-la e integrando-as com sua realidade e com o mundo, um homem capaz de decidir criticamente sua vida. E a educação tem um papel importante a desempenhar frente a estes desafios; precisa, porém, desenvolver ferramentas a fim de que ocorram estas modificações em conjunto com todas as pessoas envolvidas no contexto escolar.

... as companhias querem gente bem informada, que tenha flexibilidade para trabalhar em áreas diferentes e saiba resolver problemas antes mesmo que despertem atenção do chefe. O perfil desejado é do sujeito ambicioso, crítico, criativo, que faz com que todos se mexam à sua volta. (Revista VEJA, 04/12/96, p 117)

Para a escola alcançar estas novas mudanças, a modernização, a evolução dos tempos e cumprir sua missão na atualidade, é necessário que faça uma análise do passado e do presente para que possa, de maneira consciente, traçar perspectivas para uma educação na solidariedade, na participação, onde alunos e professores tornem-se sujeito da sua própria história. Nas palavras de Gandin (1999, p. 66):

Uma grande tarefa da escola é a formação de um aluno que seja sujeito de seu processo de aprendizagem, e posteriormente, da sociedade. Partindo do pressuposto, porém, que a grande força do neoliberalismo provém de sua grande capacidade de romper com o coletivo e reforçar a busca individual da “excelência”, uma das principais reações da escola tem que ser trabalhar com a solidariedade.

Ainda nas palavras do autor:

Outro conceito fundamental nessa nova relação entre as pessoas é a participação. O entendimento de que o aluno deve ser formado para ser sujeito do seu próprio processo de conhecimento para que seja também sujeito social, seja cidadão, implica o entendimento de que também o professor precisa ser sujeito. Como pode o professor formar sujeitos se ele próprio é “objeto” de um currículo predeterminado ou de um livro didático?

Pensar-se como professor sujeito, escola contextualizada, na sua missão e na sua organização, não é uma tarefa fácil, pois exige de todos os profissionais envolvimento e amadurecimento, bem como um conhecimento amplo e consciente.

Muito distante do que o modelo neoliberal quer, pessoas individualistas, competitivas e mão de obra (onde é necessário saber fazer, e pensar de acordo com os interesses neoliberais), a escola por sua vez precisa ser (re)pensada sob uma nova ótica, mesmo porque ela não é detentora sozinha do poder. Com isto acredita-se e busca-se uma escola diferente, que dê lugar ao conhecimento, a humanização, um lugar de análise crítica, afim de que cada educando tenha a possibilidade de ressignificar cada informação. Para isto é preciso educadores desvinculados de modelos tradicionais, e conservadores usados no século XX.

Segundo Gandin (1999, p. 65):

As forças neoconservadoras fazem hoje é exigir que a escola continue a servir o mercado de trabalho. Não há nenhuma novidade na imensa atenção que a mídia, por exemplo, dá a educação. A diferença é que agora exige-se da escola a rápida adaptação às mudanças também rápidas que se dão na estrutura produtiva e portanto também no mercado de trabalho. Nada na escola será feito por acaso. Tudo será direcionado para a formação integral do trabalhador ideal.

Nesta escola não pode haver a construção de cidadãos, pois só há espaço para a constituição do consumidor e do futuro “colaborador” das empresas. Nesta escola não há espaço para as questões ligadas à política (para as perguntas: por quê? para quê? para quem?) apenas para as questões técnicas ( para a pergunta: como?)

Todo este discurso que aparece do neoliberalismo, no sentido de não ter espaço para a cidadania não é algo novo, há muito tempo, notam-se discursos que aparecem no processo de ensinar a aprender a aprender, mas na prática, poucas ações são feitas pra superar a velha maneira de ensinar. E os educadores deverão perceber o paradoxo que está presente a tempo no meio educacional: a escola como formadora de mão de obra para o mercado (competitivo, individualista) X a construção de cidadãos solidários e humanos.

Neste sentido, os educadores deverão buscar alternativas para o desenvolvimento coletivo de criticidade, de responsabilidade, de autonomia e também o comprometimento com sua profissionalidade. Assim serão mobilizadores de novas idéias, oportunizando aos educandos condições para enfrentar as diversidades atuais, sendo construtores de aprendizagens significativas e úteis para a vida. Necessita-se de educadores que não almejem mudanças somente quando impostas ou propostas, e sim educadores sem medo de se arriscar e capacitados para entender e perceber as subjetividades das políticas impostas pelo Ministério da Educação, e que possam aproveitá-las e significar dentro do seu contexto.

O educador, para fazer a diferença hoje na vida dos educandos e conseqüentemente na sociedade, não pode apenas se preocupar com a forma de “transmitir os conteúdos”, como melhor adequar estes conteúdos, e notas, avaliações, pois muitos educadores estão habituados em realizar somente o trabalho de sala de aula, meramente fazer pelo fazer, não importando a relação entre o conhecimento, a construção destes e a cidadania.

Vejam nas palavras de Enguita (1989, p. 181) a contribuição de Jacson, que nos deixa claro a escola que por muitos anos tivemos, ou melhor, que ainda encontramos nos dias atuais:

Ao aprender a viver na escola, nosso estudante aprende a subjugar seus próprios desejos à vontade do professor e submeter suas próprias ações no interesse do bem comum. Aprende a ser passivo e a aceitar a rede de normas, regulamentos e rotinas em que está imerso. Aprende a tolerar as pequenas frustrações e a aceitar os planos e a política das autoridades superiores, mesmo quando sua justificação permanece inexplicada e seu significado obscuro. Como os habitantes da maioria das demais instituições, aprender a encolher os ombros e dizer: “Assim são as coisas”.(JACSON, 1989, p. 181)

O mestre Freire (1986) há muito tempo nos deixa clara a relação dialética existente entre o conteúdo e maneira que o conhecimento é produzido. Mas não basta estar escrito, é preciso o educador conscientizar-se da importância do seu papel na vida de seus educandos e na sociedade.

Por isso, fazem-se necessários avanços em sua prática cotidiana, no sistema educacional, que eleja o espaço escolar, num lugar realmente democrático, integrador, onde exista um ambiente propício para a participação e planejamento coletivo, pois segundo Lück, (2005. p.15) a participação de toda a comunidade escolar, sendo professores, especialistas, pais, alunos, funcionários, e gestores, afasta as tradições corporativas e clientelas, pois visarão o atendimento aos interesses grupal. Evitando, assim, correntes opostas num mesmo espaço, onde deveria ter objetivos e perspectivas em comum.

Este trabalho em equipe é subsídio fundamental para se construir um espaço democrático e integrador, para isto tem-se buscado nas escolas uma gestão participativa, onde a participação ocorra de modo real, ao contrário do que se vê há tempo nas escolas - a centralização, servindo ao mercado de trabalho com funções hierárquicas. A gestão participativa, como o próprio nome diz, exige de toda a comunidade escolar a participação eficaz, onde as pessoas assumam responsabilidades, seja do sucesso ou do fracasso.

Destaca-se o entendimento do conceito de gestão já pressupõe, em si, a idéia de participação, isto é, do trabalho associado de pessoas analisando situações,

decidindo sobre o encaminhamento e agindo sobre elas, em conjunto. Isso porque o conceito de gestão está associado à mobilização de talentos e esforços coletivamente organizados, à ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um “todo” orientado por vontade coletiva. (LÜCK, in Lück, 2005, p. 17)

Espera-se deste novo olhar sob a prática cotidiana e dessa nova gestão, uma gestão de relações, diálogos, princípios, confiança, práticas interativas e missão partilhada, quebrando a velha ótica de controle das pessoas e de resultados, onde a obediência de regras e tarefas pré-determinadas é comum fortalecendo a administração tradicional.

Para os educadores, gestores, enfim, toda a comunidade escolar optar por esta gestão, é necessário conhecimento e habilidade, bem como os processos dinâmicos de reflexão-ação, para que possam analisar as limitações e os progressos no processo educacional. Pois, segundo Lück (2005, p.20), “é necessário o alargamento da consciência e da competência técnica para tanto”.

De acordo com Lück (2005, p.18), a gestão participativa é fundamental para melhorar a qualidade do processo educacional, garantindo um currículo significativo à realidade atual, bem como aumentar o profissionalismo dos profissionais em geral, que por sua vez buscarão um trabalho em equipe, evitando o isolamento e construindo nesta equipe alavanca para superar o trabalho dicotômico realizado até hoje, ou seja, uma proposta preparada para se desenvolver dentro dos “muros escolares”.

Porém, na prática, muitas vezes, não é visível estes pontos que a autora salienta. Vivenciamos ainda nas escolas gestores queixando-se da falta de tempo e de professores que não querem participar de decisões fora da sala de aula, e também não há tempo destinado aos professores, a burocratização da gestão é muito forte, coordenadores preenchendo papéis, fazendo outras tarefas não relacionadas à aprendizagem, e professores preocupados com o conteúdo e avaliações. Pois, segundo Lück (2005 p. 20), “pode-se, no entanto, afirmar que, se esta situação existe, é porque a compreensão do significado de participação não está clara, nem mesmo para o dirigente”.

Cabe aos responsáveis pela gestão a expansão sobre o assunto e assim promover o envolvimento de professores, gestores, funcionários, pais alunos e membros da comunidade, propiciando um clima de confiança, apoiando as iniciativas de mudança dos profissionais da educação, oportunizando tempo para analisar e dialogar as propostas inovadoras que vem ao encontro de melhorias que vão interferir no fazer pedagógico.

Assim, confirma-se nas palavras de Lück (2005, p.20):

Para tanto, devem os mesmos criar um ambiente estimulador dessa participação, processo esse que se efetiva a partir de algumas ações especiais:

- 1) Criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperação.
- 2) Promover um clima de confiança.
- 3) Valorizar as capacidades e aptidões dos participantes.
- 4) Associar esforços, quebrar arestas, eliminar divisões e integrar esforços.
- 5) Estabelecer demanda de trabalho centrada nas idéias e não em pessoas.
- 6) Desenvolver a prática de assumir responsabilidades em conjunto.

Todavia, se os gestores ainda não aceitam este novo tipo de relações e de gestão, os educadores poderão (devem) ser a chave para a mudança da gestão escolar. No entanto, os educadores reflexivos precisam buscar alternativas para levar adiante suas idéias e suas reflexões sobre a gestão participativa. Na maioria das vezes, observam-se inúmeros obstáculos e resistência, pois até vimos muitos educadores que se esforçam para ocorrer mudanças, mas seus esforços esbarram numa gestão centralizada, ainda muito presente no meio educacional. Para ter-se a força e a persistência, é necessário o envolvimento de todos os profissionais da educação, mesmo com a visão fragmentada, pois poderão discutir idéias, ouvir e construir opiniões sobre a autonomia, a descentralização e a democratização da gestão escolar.

Nas palavras de Alarcão (2001, p.23):

Os alunos, os professores, os funcionários, os pais ou os membros da comunidade envolvidos nas atividades da escola, todos têm um papel a ser desempenhado. Porém, se os alunos passam pela escola, os professores ficam e acompanham o desenvolvimento da instituição. Por isso, e também pelas responsabilidades que assumem, os professores são atores de primeiro plano.... Por outro lado, os professores tomam consciência da sua própria profissionalidade e do seu poder e responsabilidade em termos individuais e coletivos. Importa assumir que a profissionalidade docente envolve dimensões que ultrapassam a mera dimensão pedagógica. Como ator social, o professor tem um papel a desempenhar na política educativa.

Segundo Gadotti (2001, p. 16), a idéia da gestão democrática no ensino é assunto amplo, que vem sendo discutida desde Constituição Federal de 1988, que instituiu a “gestão democrática do ensino público” (Art.206, inciso VI) e cada vez mais se discute esta ideia, quando os Estados sancionam suas leis. Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece como princípio a gestão democrática do ensino público, na forma da Lei e das legislações dos sistemas de ensino (Art.3º, VIII), e no Artigo 15, onde define os princípios da gestão democrática. Não podendo

deixar de citar também o Estatuto da Criança e do Adolescente, que incentiva a participação da criança na tomada de decisões.

Com as leis que assegura a todas as escolas o direito de ter uma gestão democrática e a necessidade para alcançar melhores resultados para a sociedade, enfim para a vida dos educandos, urge à necessidade de mais autonomia na gestão escolar, de construir o Projeto Político Pedagógico único, ou seja, de acordo com a realidade de cada escola. Este, por sua vez, é uma alavanca para a escola, para transformar a escola “conservadora”, numa escola de cidadania, uma escola que quer uma sociedade diferente, integrada, solidária e comprometida com o todo.

Diante da lei e da realidade que estamos enfrentando no campo educacional, a comunidade escolar tem um trabalho a construir, o Projeto Político Pedagógico, pois sua elaboração é audaciosa e desafiadora; porque romper com a rotina e quebrar as certezas, buscando uma nova estabilidade, requer paciência, persistência e trabalho.

O Projeto Político Pedagógico – curricular como expressão concreta do trabalho coletivo da escola, por um lado, é um elemento mediador entre a cultura interna a escola e a cultura externa do sistema de ensino e da sociedade, na conquista da autonomia de organização escolar e, por outro lado torna-se instrumento viabilizador da construção da escola reflexiva e emancipadora. (ALARCÃO, 2001 p.76).

A participação efetiva de toda a comunidade escolar, principalmente dos educadores na construção do Projeto Político Pedagógico é de grande valia, pois a construção é uma atividade de previsão da prática, de modo que podemos ver se atinge os objetivos comuns e divide responsabilidades. Portanto, é um processo inacabado e coletivo, que exige uma permanente reflexão. Isto faz com que os educadores cresçam em seus conhecimentos, podendo transformar suas práticas a partir disto.

Aos poucos, o Projeto Político Pedagógico vai se tornando democrático, desde que os educadores trabalhem por isto, pois o projeto é a oportunidade de fazer as mudanças necessárias para o enfrentamento dos desafios, acabando assim a hierarquização, a divisão de turma, do espaço, do tempo, horário, enfim, que a vivência individualista dos profissionais da educação e a construção do conhecimento dos educandos não serve mais para a educação do século XXI.

Segundo Gadotti (2001, p. 35):

Diante disso, desaparece aquela arrogante pretensão de saber de antemão quais serão os resultados do projeto para todas as escolas de um sistema educacional. A

arrogância do dono da verdade dá lugar à criatividade e ao diálogo. A pluralidade de projetos pedagógicos faz parte da história da educação da nossa época.

Embora a descentralização do ensino venha sendo discutida e implantada em algumas escolas, Gadotti (2001, p. 126) afirma que a descentralização muitas vezes vem sendo trabalhada de forma equivocada, pois reforça o abandono de órgãos superiores, onde acabam os educadores e a comunidade escolar criando certa resistência, que solidifica uma visão unilateral. E, ao contrário disto, precisa-se construir uma visão plurilateral, uma consciência sobre a responsabilidade que cada um possa ter, e os bons resultados quando é desenvolvida a descentralização.

Se a descentralização não ocorrer no sentido correto, continuaremos vivenciando nas escolas inúmeras funções de “gavetinhas”, isto é, a fragmentação do ensino, cada um desempenhando funções específicas, ações e projetos isolados desenvolvidos de maneira individual, sem participação da comunidade escolar. Porém, cabe salientar que este processo não ocorrerá de maneira rápida e simples, pois todo caminho novo é “desequilibrante” das certezas que há muito tempo estão inseridas no contexto escolar. Essas dificuldades são apontadas por Costa (1997 p. 16):

- um alto grau de ineficiência e ineficácia traduzida por índices de repetência e evasão, ou seja, a exclusão.
- a superposição de competências, o burocratismo, o corporativismo e o clientelismo.
- a homogeneização das políticas que tendem a ignorar as desigualdades.
- o inadequado gerenciamento na aplicação de recursos, que privilegia instâncias intermediárias em detrimento da ponta do sistema.
- o distanciamento entre os que formulam políticas, os que as executam e a clientela.
- a inexistência de mecanismo de controle e avaliação que informem sobre o desenvolvimento de programas.
- a descontinuidade que caracteriza a implementação de programas, principalmente quando inovadores.
- a diminuição dos recursos investidos no ensino em geral e no ensino fundamental em particular.
- a multiplicação de cursos de formação de docentes em nível médio e ou superior, sem controle de qualidade.
- a inexistência de uma política salarial que garanta condições dignas de exercício profissional e seja capaz de tornar a profissão atraente.

Pode-se dizer que a descentralização do ensino tem muitos problemas para superar. Salienta-se também o grau de maturidade e de conhecimento que os educadores-gestores devem ter ao dar encaminhamento deste processo. Porém este processo só ocorrerá na medida em que se coloca em prática, é uma ação dinâmica e não de discursos. Mas é preciso salientar que muitas vezes é falado de modo distante, sem entendimento de suas consequências em relação à gestão tanto ao macro sistema, quanto micro, e acabam fazendo uso de discursos e

não com o envolvimento nos processos decisórios, onde isso, em vez de oportunizar crescimento, pode acarretar em fracasso da autonomia.

A descentralização é um assunto que merece atenção e cuidado para ser desenvolvida de forma correta, pois segundo Lück (2006, p.55):

Em muitos casos se pratica mais a desconcentração, do que propriamente a descentralização. Isto é, realiza-se a delegação regulamentada da autoridade, tutelada ainda pelo poder central, mediante o estabelecimento de diretrizes e normas centrais, determinantes, dentre outros aspectos, do controle na prestação de contas e a subordinação administrativa das unidades escolares aos poderes centrais (...). Destaca-se, no entanto, o fato de que, muitas vezes, intenções claras de descentralização, em sua origem, na sua aplicação não passam de esforços de desconcentração, tendo em vista o hábito arraigado de obediência como forma de transferência de responsabilidade pessoal.

Em meio a isso, cabe salientar a importância dos educadores-gestores terem um conhecimento abrangente sobre a descentralização para evitar falsas ações referentes a este processo, ou seja, saberem que a melhora não acontece de uma hora para outra, nem com discursos e promessas. Começa, sim, com pequenas ações e o reconhecimento das capacidades de todas as pessoas.

Segundo Lück (2006, p. 42), há três ordens de atendimento na proposição da descentralização:

- a) Natureza operacional: aponta soluções para os grandes sistemas de ensino, porque falham por não poderem diretamente gerir as condições operacionais do ensino.
- b) Caráter social - reconhece a importância da dinâmica social da escola com uma cultura própria, demandando decisões locais e imediatas ao seu processo, a fim de promover o melhor encaminhamento do processo educacional.
- c) Caráter político - entende o processo educacional como formativo, criando um ambiente democrático.

A descentralização vem ao encontro dos desafios desta nova maneira de “administrar a escola”, pois vem contemplar as diferenças de cada realidade, não podendo ser controlado ou avaliado por sistemas externos, ou até mesmo por uma única pessoa (centralidade). Com este processo presente nas escolas, oportunizarão um ambiente democrático com senso de responsabilidade comum.

A descentralização, segundo Parente e Lück (1999), conduzem a escola à construção de sua identidade institucional, constituída pela formação da capacidade organizacional para elaborar seu projeto educacional (descentralização pedagógica) mediante a gestão compartilhada e a gestão direta de recursos necessários a manutenção do ensino. Então, a

descentralização traz subsídios positivos e importantes para a elaboração do Projeto Político Pedagógico.

De acordo com GADOTTI e ROMÃO (1997, p. 16), a participação influi na democratização da gestão e na qualidade de ensino:

Todos os segmentos da comunidade podem compreender melhor o funcionamento da escola, conhecer com mais profundidade os que nela estudam e trabalham, intensificar seu desenvolvimento com ela e, assim, acompanhar melhor a educação ali oferecida.

Neste movimento amplo de democracia no contexto educacional, os gestores, professores e funcionários devem conviver num clima de respeito e confiança, os quais almejam resultados comuns, não sendo destacado poder de alguns e obediência de outros.

A democratização é um desafio a ser encarado pelos gestores-educadores, ou seja, por todas as pessoas que fazem parte da escola. Portanto, necessita-se de competência para gerar alternativas para afrontar estes fatos que estão presentes nesse novo olhar sobre a administração escolar. Neste momento de conquistas e de superação, os gestores-educadores poderão criar perspectivas de ações, aumentando aos poucos uma cultura efetiva de sucesso, pois a escola democrática não tem espaço para o fracasso dos educandos. Assim, a democratização escolar passa a ser um elemento importante para o contexto escolar, pois é um trabalho realizado através de competências de todos.

Com a democratização, a autonomia, e o conhecimento verdadeiro de gestão participativa, bem como sua efetivação, são oportunidades de trazer melhores resultados, pois as ações cotidianas serão significativas, garantindo uma aprendizagem a todos, num sentido amplo, onde os educadores possam oportunizar aos educandos condições de envolvimento para a construção de sujeitos conscientes.

A gestão centrada na figura do diretor, cabendo a ele “dirigir” e zelar pelo bom desenvolvimento da escola, fazem com que ele se sinta responsável e também culpado por todo o desenvolvimento da instituição, onde, muitas vezes, acaba buscando processos burocratizados para atender a tudo e elegem procedimentos que não se preocupam com as relações dinâmicas e interpessoais do contexto escolar, pois estas dinâmicas são complexas e exigem disposição. Busca-se, nesta nova gestão, uma maior democratização nos processos pedagógicos onde os educadores possam eleger avaliar e decidir democraticamente com seus alunos a melhor maneira de desenvolver determinado conteúdo, qual a melhor alternativa para

resolver determinada situação e aos poucos descobrindo e conquistando novos caminhos e novas alternativas.

Ainda podemos destacar a importância da democratização para o processo da gestão escolar, onde se pode juntamente com a comunidade interna e também a externa, decidir o que é melhor para tal. Esta participação de decisão de toda a comunidade e também em um todo no contexto escolar é um princípio constitucional e da legislação educacional. Vejamos a Lei 9394/96, Art. 14 e 15:

Art. 14 Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão as unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

A participação efetiva de todos os profissionais garantida em lei, que se baseia no princípio da autonomia, palavra ouvida e bastante discutida atualmente é algo importante a ser conquistado a fim de atender as demandas da educação, garantindo uma gestão democrática, onde possibilita o envolvimento de todos os profissionais da escola e comunidade em geral no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Mas, nada vale a autonomia se for encarada de forma simples, é algo complexo, que necessita reflexão sobre o seu processo, porque mal interpretada traz resultados menos eficazes, ou seja, resultados negativos à educação.

Com esta nova escola, gerida por todos, almeja-se escola e educandos preparados para enfrentar as diversidades atuais, aceitando as diferenças e vivendo criticamente o cotidiano. Para tanto, ao invés de educandos receptores de informações, teremos educandos investigando, conhecendo as dimensões afetivas e cognitivas do ser humano, ao invés de escola transmissora de conhecimento, teremos escola construtora, onde a reflexão, a pesquisa faz parte da aprendizagem do eu como sujeito. Assim, oportunizarão que escola e educando possa caminhar de mãos dadas, buscando respostas e construindo subsídios para enfrentar as mudanças que estão ocorrendo nesta sociedade.

A gestão educacional dos sistemas de ensino e de suas escolas constitui uma dimensão e um enfoque de atuação na estruturação organizada e orientação da ação educacional que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de

todas as condições estruturais, funcionais, materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais. Estes se justificam na medida em que são orientados para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a contribuir para que se tornem capazes de enfrentar adequadamente, dentre outros aspectos, os desafios da sociedade complexa, globalizada e da economia, que passa a centrar-se cada vez mais no conhecimento para o seu desenvolvimento. (LÜCK, 2006, p.26)

Numa gestão democrática, os educadores, gestores e comunidade escolar constroem coletivamente princípios em comum a serem seguidos, e os profissionais da educação demonstram que são capazes de articular e pensar os saberes científicos e pedagógicos, bem como fazer acontecer às transformações necessárias da prática pedagógica, garantindo um espaço de aprendizagem, onde o ensinar e o aprender acontecem de modo natural, significativo (não forçado), de acordo com a realidade de cada turma, resultando uma proposta significativa para todas as crianças, jovens e adultos.

Destacaram-se neste texto alguns pontos sobre a gestão democrática, descentralizada e autônoma, para isto, buscam-se a ideia de um novo educador, já que para esta nova cultura de gestão exige-se um educador não mais reduzido a habilidades e destrezas técnicas, pois, como comenta Libâneo (2004, p. 35), “a docência não estará reduzida a uma atividade meramente técnica, mas também intelectual baseada na compreensão da prática e na transformação desta prática”.

E é para este fim, de transformação da prática, que a gestão democrática está aí, tornando a escola um local de aprendizagem natural, prazerosa e ao mesmo tempo de desenvolvimento profissional, ou seja, um ambiente de aprendizagem tanto para alunos, quanto para os educadores. É neste espaço que o educador vai usufruir das teorias estudadas ao longo de sua formação e do acúmulo da sua experiência, onde poderá analisar as tendências e realizar suas escolhas profissionais de maneira comprometida com o seu educando. Também o educador coloca suas perspectivas, seus conhecimentos, suas competências, pois é um movimento contínuo onde os educadores formam uma equipe, aprendendo e ensinando novos saberes, bem como reconstruindo suas práticas.

Nesta nova maneira de se viver a educação, a participação de todos os envolvidos é fundamental, porém o educador terá a necessidade de conhecer assuntos relacionados não só com a sala de aula, mas também aspectos sociais, organizacionais, administrativos, pedagógicos, enfim, o educador precisa ter uma visão ampla e um conhecimento profundo, possibilidade de transformar ou aprimorar iniciativas, sejam elas de democracia ou de autonomia.

Para tanto, é preciso ocorrer, de certo modo, uma mudança na mentalidade dos profissionais da educação e, podemos dizer, de toda a comunidade escolar para que as concepções da escola tradicional do século XX fiquem para trás e assim conseguirmos aos poucos abrir espaços para novas maneiras de ensinar e de olhar, tornando deste modo uma escola humanizadora e não técnica, onde o importante é aprender os conteúdos préprogramados. Para isto os educadores precisam compreender e elencar no seu cotidiano uma postura reflexiva, conscientizar-se da sua profissionalidade, de sua capacidade e da sua responsabilidade tanto individual e também coletiva, onde suas atividades ultrapassarão a dimensão pedagógica, atingindo esferas sociais e interpessoais. Assim a educação ajudaria melhorar as relações pessoais, sociais e também a identidade do “eu” de cada um. Para Freire (1984, p. 103), “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”. Pois a escola é um espaço que vai além da transmissão e assimilação de conhecimentos específicos, ela atinge o psico, a individualidade de cada um, criando, transformando, aprimorando, construindo e elencando novos saberes, novos olhares, novos pensamentos e novas ações. É e para isto que a educação deve preocupar-se, com a pessoa “gente”, que está em cada aluno, seja aquele que não fala, aquele agitado ou aquele pobre, rico, amarelo, índio, gente da gente.

Caminhar nesta direção humanizadora é tornar nossas escolas mais abertas, mais “gente”, onde a observação da realidade social e econômica são pontos de partida a fim de buscar alternativas para uma educação de qualidade, onde reajustam, recalibram, repensam e mudam sempre que for necessário, possibilitando, deste modo um ambiente dialógico entre todos. Garantindo uma interação entre educadores e educando para solucionar quaisquer dificuldades que virão perante os novos desafios desta sociedade em transformação e possibilitando a construção de relações de cumplicidade, ou seja, todos têm sua responsabilidade tanto para bons resultados, como também para resultados negativos. E assim poderemos pensar em relações não verticais, e sim horizontais.

Pensar sobre a atual educação e sociedade e pelos quais motivos chegaram aqui, pensar sobre nós mesmos, como profissionais, sobre nossos atos pedagógicos e sobre a escola são fatos importantes. Educadores precisam aprender a construir esta cultura de movimento, de olhar para si próprio, pois há muito tempo se vê nas escolas educadores alienados e conformados com a sociedade, sem perspectiva do seu trabalho. A escola e os educadores precisam de dados, fazer sua própria inovação, planejar-se, fazer sua reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, portanto, ser cidadã. O presente e o futuro de nossa

sociedade dependerão da capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do seu próprio conhecimento.

Para tanto, numa escola reflexiva e humanizadora, as relações interpessoais são essenciais, devido o nível de flexibilidade, é um espaço aberto, por isso são necessários educadores inteligentes, responsáveis e livres os quais proporcionem aos educandos vários caminhos para que seja um tempo de construção e não de fracasso e submissão.

Nas palavras de Furtado (2007, p. 90), podemos acompanhar características importantes para este novo tempo a fim de termos um cidadão com sucesso:

As características da Educação do nosso tempo, coerentes com a formação de um cidadão futuro instrumentalizado para protagonizar o seu tempo podem se resumir nas seguintes: autonomia, seletividade, planejamento, interação social, coletividade, flexibilidade e criatividade. Há evidências de que estas são as condições básicas para se atingir o sucesso nesse novo século.

Esta nova escola, este novo processo de educação almejado por muitos, nega de qualquer maneira a forma acabada e sistemática que até hoje nos deparamos com a realidade, pelo contrário é um contínuo movimento que pensa em si próprio, na sua missão e na sua responsabilidade. Sua prática pedagógica é um processo, nunca parado, por isso os educadores são pesquisadores de sua própria prática refletindo sobre e para o que fazem e pensam. Assim, a cada dia, o educador pode reencaminhar sua prática, construindo ou reconstruindo novos saberes e novos olhares de acordo com a necessidade, tornando a escola um espaço de formação permanente. Porém esta cultura de pensar em si não é muito comum ainda, precisa-se realizar momentos de sensibilização, avaliação e formação dos profissionais, de forma coletiva e participativa, a fim de que todos se conheçam, vivam, critiquem, assumindo coletivamente esta nova cultura. Já que as formas repetitivas, homogêneas, disciplinares nas escolas tornam os profissionais separados em suas atividades, ideias e produções.

Diante destes fatos, a escola que se cogita e emerge nesta sociedade globalizada, é a escola reflexiva, onde sua principal característica é a reflexão sobre si, e sobre sua missão, vale salientar que o ato de refletir não é tão fácil e superficial, este movimento de reflexão exige comprometimento e coerência dos educadores.

Os métodos de reflexão que não levarem em conta as proposições decorrentes do estudo acerca da sua natureza serão limitadas ou errôneas. Além disso, esses métodos limitados não serão capazes de explorar a “dupla dialética” que se

estabelece entre o pensamento e a ação, entre o indivíduo e a sociedade. Nessa “dupla dialética” a reflexão está orientada para a ação e é social e política pelo fato de que, em um movimento em espiral, o processo de refletir penetra o interior do pensamento, atravessa o processo de pensamento e articula-se ao exterior da situação, isto é articula-se ao contexto onde se situam os atores da reflexão. (ALARCÃO, 2001, p.72)

No entanto, para ocorrer de fato “dupla dialética”, precisa-se quebrar o paradigma dominante, positivista, tecnocrático que nos leva a reproduzir, onde a escola é simplesmente transmissora de informações, e o educando por sua vez é adaptado a esta realidade que se apresenta, existindo uma relação vertical, um conhecimento linear e repetitivo. Necessita-se uma gestão interacionista, dialética, democrática, que nos leva a emancipação e a autonomia, sendo a escola uma organização social, buscando um homem cidadão, um ensino de relações ontológicas, ou seja, de reciprocidade, um processo intencional e organizado. Esta nova gestão proporciona a passagem da subordinação à autonomia, da dependência à independência, da imitação à criatividade.

A reflexão sobre a prática docente faz com que os profissionais da educação conscientizem-se do desafio que têm à frente; portanto, esta reflexão contribuirá para uma melhor qualidade de ensino, porém nada vale a reflexão individual, este processo deve acontecer como um todo e ultrapassar “os muros da escola”, assim a comunidade escolar aos poucos irá tornar-se adepta a esta nova postura, aceitando, apoiando e dando sustentação às ações diárias. Por isso, a formação permanente dos professores é um momento fundamental, onde acontecerão reflexões, sobre a prática pedagógica. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática presente e do amanhã.

Para acontecer a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, precisa-se tornar a escola um espaço democrático e participativo, aberto, com uma nova cultura, envolvendo de forma consciente pais, alunos e professores, trabalhando a quebra da curiosidade ingênua para a criticidade, isto é, deixando de lado o senso comum e apropriar-se de saberes fundamentais, pois, segundo Freire (1984), “sem a criticidade muda a qualidade, mas não a essência”. Esta quebra não se dá de um dia para o outro, é uma tarefa da prática educativa demorada, que exige paciência e persistência.

## 2.1 Educador reflexivo

*A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem “espera” acontecer. Ao contrário, a esperança para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente, “mais humana, menos feia, menos malvada”, como costumava dizer Freire. Uma educação sem esperança não é educação. (GADOTTI, 2005, p. 71)*

Com as incertezas e contradições presentes ao nosso meio: violência, tecnologias avançadas, aceleração extraordinária do fluxo de informação, competitividade, individualismo, descaso pela vida humana e desgaste das relações pessoais que a sociedade e a educação vêm atravessando, busca-se uma pedagogia múltipla, em que o ato pedagógico ultrapasse o âmbito escolar e abranje esferas mais amplas; onde os educadores dentro dos espaços escolares “formais” possam refletir sobre sua prática, sobre a realidade e o contexto que estão inseridos e assim consigam valorizar a educação informal e paralela, desfazendo as barreiras que separam a educação, a cultura, a sociedade e a economia. Para isto, necessitamos de uma reflexão consciente e crítica; portanto, uma reavaliação do papel do educador-gestor perante a uma sociedade mais humana.

Como podemos verificar nas palavras de Gadotti (2005, p. 38):

Para o educador não basta ser reflexivo. É preciso que ele dê sentido à reflexão. A reflexão é meio, é instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão, que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana, como a própria palavra latina *insignare* (marcar com um sinal) significa.

Século XXI, século do conhecimento, e de desafios. Esta idéia foi difundida em vários livros, congressos e que a educação ocuparia um papel de destaque. Então se pergunta: O que é ser educador no século XXI? O que é ser educador hoje? Para isto, é fundamental que cada educador reflita de maneira comprometida e consciente sobre suas responsabilidades, pois deve ter claro o seu papel para que possa realizar escolhas certas, atingindo assim seus objetivos.

Para se construir uma educação humanizadora, precisam superar as concepções mágicas e dogmáticas, mecanicistas e cientificistas do mundo. Através da consciência e da liberdade da sua prática dialógica, reflexiva e criativa, o educador é capaz de reverter este contexto conservador das escolas e gerar transformações na realidade e também nos seres

humanos que aprendem e admitem-se como autores ativos, como sujeitos de uma história mais humana.

Para tanto, este educador humanizador buscará apoio nos conhecimentos já adquiridos desses sujeitos, talvez menos reflexivos, porém modificáveis, pois nada está determinado e acabado. É de grande importância o aproveitamento dos saberes populares para se chegar num patamar reflexivo e crítico.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.33)

A competitividade, as mudanças rápidas, a insegurança, onde a solidão, a família desestruturada, ritmo de vida apressado e inúmeras informações chegando de todos os lados são reais, contorna-se com uma nova pedagogia, uma nova educação, uma nova escola, um novo educador e um novo aluno. Os modelos até hoje seguidos não cabem mais nesta sociedade; neste novo contexto o educador deve ser um mediador do conhecimento com o aluno, que é o sujeito da sua própria formação.

Para tanto, os profissionais da educação que antes trabalhavam nas “certezas”, encontram desafios a todo o momento, devendo enfrentá-los, necessitando superar a forma fragmentada de ensinar e transmitir conhecimentos prontos, acabados e sem relação com a vida dos educandos. Este educador se tornará um aprendiz permanente e um construtor de esperança, bem como um cooperador na aprendizagem significativa.

Perante todos estes desafios modernos, a escola continua com uma preocupação excessiva de gradear, disciplinar, normatizar saberes, quantificando professores e alunos, nivelando tudo e todos. Para ocorrer uma mudança de pensamento e ação, busca-se, de maneira consciente, aliar a teoria e a prática, de modo reflexivo; é um dos caminhos para que a fragmentação, a incoerência e as contradições não ocorram, assim apontaremos alternativas para uma prática significativa aos educandos e ao educador. Esta associação entre teoria e prática constitui-se num eixo de mudança, de modificação da prática docente, desde que assumamos um caráter emancipador e reflexivo. Freire (1984, p.44) afirma que a reflexão crítica deve ser de modo sensível e verdadeiro, onde a reflexão e a prática possam estar lado a lado, evitando assim o distanciamento entre elas.

No entanto, o educador que tem como referência para sua prática a pedagogia bancária, conhecimento fragmentado, oriundo da pedagogia tradicional, que não usa a reflexão no seu cotidiano, onde trabalha para a profissionalização e sem relação com a vida ou uma preparação para ela, não tem mais espaço nesta nova concepção de educação. O educador precisa viver intensamente o gosto da sua profissão, conviver, ter consciência, sensibilidade, diálogo, curiosidade, cooperação mútua, amorosidade e ter uma visão emancipadora e crítica, mas acima de tudo o educador deve saber que trabalha com pessoas, com gente.

Para Alarcão (2001, p. 11), “atribui-se aos professores a capacidade de serem atores sociais responsáveis em sua autonomia, críticos em seu pensamento, exigentes em sua profissionalidade coletivamente assumida”.

Podemos destacar também a formação de muitos profissionais em cima de paradigmas já superados pelo tempo; porém, as escolas e os profissionais terão que buscar alternativas para a superação podendo eleger a formação continuada como uma alavanca para o processo de mudança, onde aparece hoje uma visão dinâmica, reflexiva e “real”, deixando de lado as concepções tradicionais que os educadores muitas vezes participam de modo forçado sendo direcionada para aprendizagem de novas técnicas ou receitas prontas. Para Gadotti (2005, p.31), “a formação continuada do professor deve ser arquitetada com base na reflexão, na pesquisa, na ação, na descoberta deixando de lado exposição de receitas pedagógicas ou até mesmo “dicas das inovações tecnológicas.”

Para tanto, as escolas e as universidades devem garantir uma formação continuada reflexiva onde possa ser entendida pelos educadores-gestores como desafio, pois se inicia pela reflexão crítica sobre a prática e aos poucos ultrapassa o trabalho individual de cada educador, atingindo, assim, a realidade social e trazendo para o contexto escolar, onde pode ser usada para crescimento do trabalho pedagógico e da emancipação do sujeito.

Gadotti (2005, p. 35) aponta algumas pré-condições ou exigências mínimas, para ocorrer uma formação continuada entre elas, destacam-se:

- 1° - Direito a pelo menos 4 horas semanais de estudo com os colegas, não só com especialistas de fora, para refletirem sobre a sua própria prática, para dividirem dúvidas e resultados obtidos.
- 2°- Possibilidade de freqüentar cursos seqüências aprofundados em estudos regulares, sobre tudo sobre o ensino das disciplinas ou campos do conhecimento de cada professor.
- 3° - Acesso à bibliografia atualizada.
- 4°- Possibilidade de sistematizar sua experiência e escrever sobre ela.
- 5°- Possibilidade de participar e de expor sua experiência em congressos educacionais.

6° - Possibilidade de publicar a experiência sistematizada.

7° - Enfim, não só sistematizar e publicar suas reflexões, mas também colocar em rede essas reflexões, o que cada professor, cada professora, cada escola está fazendo, por exemplo, por meio de um site da Secretaria de Educação ou da própria escola.

Com a formação continuada reflexiva, aberta a debates, com troca de experiência os educadores terão possibilidades de compreender e eleger as jornadas, seminários, congressos para melhor atender as dificuldades encontradas no sistema educacional, pois cada escola tem sua realidade e suas necessidades. Então nesta perspectiva o educador (re)constrói caminhos para a superação deste ensino excludente e ideológico até hoje aceito, pois a (re)construção se dará a partir das necessidades pedagógicas reais.

Sendo assim, na construção de ideias coletivas transformadoras, os profissionais da educação precisam eleger a escola como um espaço garantido de discussão e reflexão da prática, onde todos os envolvidos engajam-se no desejo de mudar e recriar.

E, nas palavras de Freire (1997, p. 43), confirma-se a importância da formação continuada a fim de que possa possibilitar novos espaços para novas aprendizagens “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Também Novoa (1991, p. 30) complementa a ideia: “a formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores tornando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos”.

Esta nova sociedade traçada pelo neoliberalismo, com este tempo que exige de todas as pessoas mudanças rápidas e com novos olhares que vem se edificando na educação, vê-se uma preocupação maior em relação à formação continuada, onde ressalta e se alicerça no trabalho e nos saberes que vem do cotidiano. Porém, ainda encontramos escolas com uma visão tradicional, as quais enfatiza conteúdos ou até mesmo passa a ser um momento de transmissão de decisões tomadas pela equipe diretiva. Dentro destes parâmetros Candau (1997, p. 81) aponta que a formação continuada está sendo insuficiente e assinala problemas identificados, tais como:

- A descontinuidade das ações que tem sido postas em prática.
- A perspectiva fragmentada entre teoria e prática.
- A atitude normativa e prescrita em relação aos professores.
- O custo oneroso dos cursos e seminários.
- Realização destas ações fora do local e do horário de trabalho.
- A desarticulação com projetos coletivos.

- A concepção de formação como reciclagem e atualização de professores e não oportunidade de desenvolvimento profissional em suas múltiplas dimensões.
- Distância entre os que concebem as propostas e a prática escolar.
- A desconfiança por parte das autoridades com relação aos conhecimentos produzidos pelos professores.

Neste sentido, a presença da formação continuada nas escolas não pode ser vista como problema, mas sim para superar estes conflitos existentes nas escolas, é um caminho para democratizar o ensino. Assim nenhuma escola poderá aceitar e acreditar que a formação continuada seja um acúmulo de atividades, deve sim acreditar e defender um trabalho de refletividade sobre a prática docente, realizando uma relação com a pesquisa, elencando possibilidades de mudança no âmbito escolar. Portanto, a formação continuada servirá para provocar, instigar novas mentalidades a fim de modificar a cultura do ensino-aprendizagens dominante e construir uma cultura em cima da incerteza, da complexidade, tentando definir o que significa ser educador na atualidade.

## **2.2 Identidades de professor**

Com a ausência da reflexão, o ensino bancário, o tecnicismo de suas atividades, juntamente com as demandas sociais, a classe profissional dos professores tem aguentado o desprestígio social da profissão, onde acabou descaracterizando a profissão e a identidade coletiva da classe.

Na tentativa de se restaurar a identidade, há uma série de discordância entre este processo de reconstrução entre o seu papel social, de sua identidade profissional e de sua identidade como pessoa. Pois o ato de refletir sobre sua prática docente e sua auto-imagem levará a análise da construção/desconstrução/reconstrução de sua identidade profissional. Nas palavras de Arroyo (2004, p.56)

Se estas questões não forem prioritárias os projetos de escola, as propostas inovadoras, as reorientações curriculares... deixam tudo no mesmo lugar. Por quê? Porque a escola e seus currículos, os ciclos, a didática, a prática pedagógica e docente adquirem seus significados da centralidade que damos ou não damos aos educandos. Do olhar com que enxergamos. Toda inovação educativa tem de começar por rever nosso olhar sobre nossos alunos. Inclusive o repensar de nossa auto - imagem docente tem tudo a ver com o repensar da imagem que deles

fazemos. Em grande parte nos imaginamos ser o que imaginamos que nossos alunos são.

Através da reflexão, poderá descobrir os caminhos por onde andou os ensaios que não foram até o fim, os enganos que cometeu ao construir suas certezas, quebrando assim as “imagens”ultrapassadas, que ainda usamos.

Para tanto, neste processo de refletir e de transformar sua prática, será necessário um trabalho contínuo e sistemático.

Para Schön (p. 27 in Azambuja, 2003):

A matriz reflexiva dos processos de formação de SCHÖN tem muito a contribuir, pois apresenta o caráter dinâmico, instável, incerto, ambíguo e imprevisível dos contextos de ação em que a homogeneização e as estratégias normativas de ação e intervenção educativa cedem lugar à necessidade e atitude reflexiva em que a capacidade de dialogar com as situações e de diagnosticá-las ações construtivas no processo.

Apesar de esforços por parte dos educadores, percebe-se que a profissão de educador modifica-se em ritmo lento. Vimos fragmentos de uma pedagogia tradicional que não foram superados, onde qualquer inovação que surge se depara com empecilhos burocráticos que dificultam a implantação do “novo”. Portanto, conserva-se a identidade do professor como uma profissão técnica, detentora de todo e qualquer saber, no qual realiza a mesma tarefa por muitos e muitos anos. Entretanto, este professor que se considera o “mestre do conhecimento, detentor de todo e qualquer saber” não consegue responder aos desafios da atual sociedade, é necessário desenvolver outras competências a fim de que possa atuar de modo eficaz, modificando assim o seu papel na sociedade, deixando de ser o transmissor de conhecimento para ser um mediador e construtor.

Para Gadotti (2005, p.23), o professor é superado rapidamente porque o conhecimento hoje chega de muitas maneiras e muito rápido a todos, sendo incerto e mutável, com isto não tem mais sentido àquele professor que apenas se preocupa em reproduzir determinado conhecimento ou repetir culturas de outros tempos, precisa de um profissional capaz de criar conhecimento.

É observável que nem todos os professores caminham juntos, de modo coletivo, nem todos são abertos às mudanças, assim não desejando melhor qualidade para a educação. Neste caso, fica difícil a reflexão sobre o desempenho profissional ou um melhor aproveitamento por parte do educador.

Estes professores geralmente acreditam e usam a “pedagogia tradicional” como fonte de sua prática, “na neutralidade”, compreendendo o ser humano pronto e acabado, inclusive ele próprio, pois após sua “formatura” está completo, será para sempre o transmissor de conteúdos e avaliador classificatório. Para este pensamento, não há a necessidade de continuidade no processo formativo.

Para tanto, nas últimas décadas, com todos os desafios que o mundo globalizado e complexo está trazendo, o cenário educacional tem tentado redirecionar o olhar dos educadores para que possam refletir sobre si, que é um processo pelo qual o homem avalia suas próprias ações; porém sabe-se que a reflexão sobre a própria ação é conflitante, devido o confronto com seu pensamento, concepções de vida e mundo de trabalho, este mundo real e o mundo idealizado. Então se renova e ganha forças uma nova concepção mais crítica, comprometida, humana e (re)construtora de conhecimento significativo e configura-se uma pedagogia contínua no processo de aprendizagem, tanto dos professores como dos educandos.

Proporcionar aos educadores condições de refletir sobre a construção de sua identidade é uma maneira de “reviver” sua história de vida, suas angústias e saberes construídos, elaborados ou até mesmo copiados.

Nas palavras de Pimenta (1997, p. 42):

... uma identidade profissional constrói-se, pois, com base na identificação social da profissão (...) pelo significado que cada professor, como ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios...

A identidade compreendida como transformação mudança de realidade, pensamento e de ação, é uma grande riqueza para qualquer instituição e para a educação, pois estabelece aos professores um olhar dinâmico e uma percepção acentuada da história de vida de cada um dos envolvidos e também do momento histórico que se está vivendo.

Porém, à medida que o professor consegue refletir sobre o “eu”, e interagir coletivamente com os demais profissionais ele consegue reconstruir sua identidade profissional a cada momento vivenciado.

Refletir sobre a identidade do professor é uma tarefa não muito fácil, desde que muitas vezes são vítimas de políticas enganosas, baixos salários, formação inadequada, falta de definição do papel da escola, falta de percepção pelos próprios professores, péssimas condições de trabalho, a fragmentação e a descontinuidade nos processos, tanto nos cursos de formação inicial, como também na formação continuada. Muitas vezes esta reflexão torna-se

difícil porque exige ética, tempo e disponibilidade, para que a identidade possa ser entendida como algo coletivo e não individual (como observamos em muitas escolas). Para tanto, é um processo delicado e árduo, pois o professor se libertará das suas certezas e deverá estabelecer compromisso com a mudança de modo coletivo.

Além dos itens citados, que ajudam a reforçar a crise é necessário que cada educador se autoconheça, que o “eu” de cada professor seja uma alavanca para superação desta crise. Pode-se dizer que aquele professor que almeja (gosto e desejo pela profissão), que tem consciência das suas escolhas e uma visão de mundo complexa e humanizadora, terá condições de ultrapassar este momento de insegurança e incertezas.

Nas palavras de Libâneo (2001, p. 65):

Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio como para a sociedade ele perde a identidade com a sua profissão. O mal estar, a frustração, a baixa estima, são algumas conseqüências que podem resultar dessa perda de identidade profissional.

Também Libâneo (2001) afirma que a construção da identidade, bem como seu fortalecimento começa nos cursos de formação e principalmente na formação continuada, pois é no trabalho docente que a identidade é enriquecida e consolidada. Porém, esta formação, tanto inicial como continuada, deve ser vista como processo dinâmico. Cabe, então, destacar a importância das escolas proporcionarem uma formação continuada de forma crítica e desafiadora.

Assim, o ato de refletir, para o professor, será o caminho de analisar o momento histórico que estamos e também a sua identidade profissional. Através dele poderá dar novos significados ou até mesmo descartar os erros e conhecimentos vistos como certos e únicos.

Porém, é necessário destacar que é um processo contínuo e dinâmico, reforçando assim a importância da formação continuada ser coerente com este novo redimensionamento, a fim de que possa dar ao educador a oportunidade de crescer num sentido amplo, que cada educador consiga ter o contato com o *eu* (interior) e os caminhos percorridos para a construção da identidade; e assim possa se refazer ou reorganizar os significados.

Portanto, esta compreensão é mais bem compreendida quando se trata de professores com uma visão mais aberta para o mundo e que consideram o saber como um processo de construção a cada dia. Acreditando que o trabalho coletivo são passos para a transformação da realidade que temos tão desigual, classificatória e excludente.

Pode-se verificar nas escolas que as iniciativas coletivas de construção de identidade não são bem aceitas, devido ao medo, a insegurança de mostrar o “eu” de cada um, à angústia, às dúvidas e à “perda de tempo” e também a facilidade de assumir a identidade do outro, pronta e acabada. Observa-se que frente a algo novo vem “o medo” de perder as certezas que nos acompanham há muito tempo.

Então, encontram-se aqui pressupostos para justificar o porquê desta crise que atinge a educação, pois com este medo dos professores depararem-se com o novo, de se arriscar, de tornar público seus medos e anseios, eles acabam, muitas vezes, assumindo identidades prontas, com outros valores, crenças e desejos que não são os próprios. Acontece então uma pseudoidentidade, que não traz melhorias para o processo de ensino-aprendizagem.

Pimenta afirma (2000, p. 19) que a identidade profissional constrói-se a partir da significação e da revisão social da profissão, bem como da revisão das tradições e da reafirmação das práticas que continuam significativas perante aos desafios desta sociedade e também da construção de novas teorias.

Este novo contexto que se configura, devido à flexibilidade nos discursos sobre educação, coloca o professor a repensar suas práticas, valores, sentimentos, reafirmando o que faz sentido para a prática docente ou caminhando para novos saberes e uma nova identidade profissional, de acordo com a sociedade que temos. E, assim, os educadores poderão reconstruir suas práticas na dialogicidade com todos os envolvidos na educação.

Muitos discursos salientam “o professor que queremos” e a “melhor formação” a ele, mas, com a realidade enfrentada, faz-se acreditar que não temos uma história, pois sonham com um professor novo e programado para as exigências do mercado; isto deve ser questionado, pois isto está a serviço de quem? Muito se lê sobre o professor ideal, como torná-lo comprometido e democrático, porém este professor é necessário na atualidade, mas não é uma máquina em que podemos apagar seu passado e determinar um perfil novo.

Neste momento, cabe a cada educador o processo de reflexão sobre sua história de vida, sua formação, e superar as dificuldades que ficaram mal resolvidas. Este processo é dialético, dinâmico e não cabe mais nesta sociedade o professor passivo, sendo transmissor de conhecimento, preocupado em quantidade e notas.

## **3 CAPÍTULO II**

### **RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA – UMA PRÁTICA REFLEXIVA E CONSCIENTE**

Estamos numa sociedade globalizada com mudanças na economia, na oferta de trabalho, onde novos requisitos de qualificação são exigidos, novas políticas e novos cidadãos. Surge também o mundo da informática, da mídia, da velocidade que invade os lares das pessoas e atinge principalmente os jovens, além disso, vimos com o intenso processo de urbanização, o inchaço das grandes metrópoles, o aumento da complexidade e, perante isto, aumentam as responsabilidades da escola exigindo um novo olhar sobre a autoridade, desumanização e o dogmatismo.

A democratização do acesso à escola, a industrialização, o crescimento das grandes cidades resultam numa grande diversidade dentro das escolas, tornando heterogêneas as necessidades individuais e sociais a atender. Isto atinge o trabalho dos educadores, pois somos conhecedores dos desafios, questionamentos e inquietações que o mundo contemporâneo apresenta e faz com que sejam obrigatórias algumas discussões sérias e urgentes no sistema educacional.

Para enfrentar estes desafios, os educadores em geral precisam ressignificar a cada dia a prática pedagógica, dando sentido para cada ação realizada. Refletir sobre a responsabilidade da nossa profissão torna-se emergente, onde na reflexão poderá elencar saberes a fim de condenar a exploração, a humilhação e subordinação do ser humano. A ética do “achismo”, a qual muitos educadores defendem e se justificam através dela, onde culpam o governo ou o sistema ou até mesmo a “cultura dos educandos” pelos resultados que se têm, traz para a escola o fracasso dos menos favorecidos e do marginalizado da sociedade. Esta metodologia não pode mais amparar educadores que querem fazer uma prática coerente com as diversidades do mundo atual. Portanto, a reflexão consciente é a ponte para transformar e compreender e, assim, buscar novas possibilidades de mudanças das práticas educativas.

Assim Gadotti (2005, p. 55):

Muitas vezes, não vemos sentido no que estamos ensinando. E nossos alunos também não vêem sentido no que estão aprendendo. Numa época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional deve construir sentido com seus

alunos. O processo ensino/aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos, para que seja um processo verdadeiramente educativo.

Através de leituras, vimos que Freire vem abordando em suas obras uma educação humanista, dialógica, criativa, ética e libertadora. Deste modo, aponta possibilidades de um novo projeto para esta sociedade e também uma alternativa para superar as práticas opressoras e a dominação das pessoas, pois há muito tempo observa-se nas escolas a repetição automática dos conteúdos e a não contextualização destes. Isto faz com que o processo de aprendizagem se torne algo simples e sem significado para os educandos.

Nesse novo tempo, o processo de educação precisa atingir a consciência a fim de oportunizar aos educandos possibilidades de escolhas, faz-se necessário que os educadores (re)construam um novo olhar, novas idéias e possibilidades sobre o conhecimento. Nas palavras de Furtado (2007, p. 91) podemos conhecer ou relembrar os sete passos para a (re)construção do conhecimento significativo:

- O sentir - toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional.
- O perceber - após contextualizar o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado.
- O compreender - é quando se dá a construção do conceito, o que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos contextos.
- O definir - significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras. De forma que o conceito lhe seja claro.
- O argumentar - após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso precisa logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal.
- O discutir - nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio através da argumentação.
- O transformar - o sétimo e último passo da (re)construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse propósito, qualquer aprendizagem é inócua.

Estes sete passos apresentados pelo autor ajudam os educadores a enfrentar o desafio de transformar o conhecimento acabado e conservador num conhecimento significativo, ou seja, onde o aluno possa construir um sentido real em relação ao conteúdo apresentado em sala de aula.

A aula, o conteúdo, a aprendizagem só é válida quando o educando consegue inserir o conteúdo de sala de aula de forma ativa na sua realidade e cabe ao educador levar o educando a simular ações num contexto real, bem como apresentar projetos e soluções, desenvolvendo novas idéias e aplicando os conceitos assimilados na sua vida prática. Rays (2002, p 89) complementa que a aula, num sentido tradicional, não tem mais sentido neste mundo em transformação, onde a cada instante acontece e amplia-se novas descobertas. Para tanto,

precisamos proporcionar aos educandos habilidades e desejo de buscar novos conhecimentos e informações frente a este mundo de rápidas mudanças na esfera informacional.

Podemos verificar a importância de problematizar, discutir e eleger maneiras de aprendizagens nas palavras de Gandin (1999 p. 67):

O conhecimento é o centro da atividade em uma escola. Problematizá-lo, discutir sua utilidade, sua constituição e a melhor forma de fazer com que os alunos construam seu próprio conhecimento, deveria ser a principal ação das escolas.

Aos poucos, aquele aluno conformado e submisso se transforma, mudando a si mesmo, seus pensamentos e suas ações e assim altera o contexto no qual está inserido, onde deixa de ser um cidadão adaptado, alienado a certa realidade e passa a ser um integrante, com condições de criar, recriar, produzir e da mesma maneira o jeito próprio de cada um de sentir, pensar, agir de forma inteligente, tornando artífices da sua vida e de um mundo melhor.

Falar em nova maneira de ensinar parece, muitas vezes, algo fácil, pois encontramos muitos acervos referentes a isto, porém é necessário superar a concepção tradicional e unilateral que ainda se faz presente no nosso meio. Contudo, se buscarmos subsídios para esta nova maneira de ensinar, aos poucos os educadores substituirão a prática ideológica e conservadora por uma prática firmada na dialogicidade, sensibilidade, compromisso, alegria e na problematização crítica. Assim, cada educando se sentirá sujeito capaz de modificar-se a si mesmo e sua realidade, deixando para trás a alienação. Portanto, sem a reflexão, a ação consciente, propositada e comprometida não ocorrerá acréscimo do conhecimento, no qual podemos dizer, que nunca estanque e cabal, como o ser humano, inacabado.

Segundo Freire (1997, p. 64):

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência da sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança.

Este novo olhar sobre o conhecimento, sobre o ser inacabado não se dá quando criada uma escola “nova” para esta finalidade, é no cotidiano da sala de aula que se constrói esta relação de reciprocidade, de aprendizagem permanente e significativa, afim de que possam todas as pessoas envolvidas neste processo refletirem sobre sua realidade e intervir de forma fundamentada e coerente.

Nas palavras de Henz (2007, p. 154), podemos reafirmar a importância da ligação coerente entre a teoria e a prática:

Daí a importância da ligação entre a teoria e a prática, entre os “conteúdos” e a vida, pois uma práxis consciente requer uma boa fundamentação teórica para poder se manter e intensificar, ao mesmo tempo que uma boa fundamentação teórica precisa da vivência concreta, da experiência cotidiana e social. Assim, evita-se o risco de os conteúdos conceituais trabalhados em sala de aula caírem no vazio e se tornarem “cultura morta”, sem sentido e sem motivação para a vida de homens e mulheres, meninos e meninas, que vivem e vêm se genteificando interagindo entre si e com a realidade ao seu entorno, numa práxis espaço - temporal que vai se construindo pelo entrelaçamento de sensibilidades, sentimentos, idéias, palavras, ações, reflexões, diálogos, decisões, rupturas, invenções, criações, responsabilidades, sonhos projetos, podendo suscitar a coragem de dar novos rumos a própria trajetória e a história com a qual vão se fazendo pelo sentir/pensar/agir.

Com a urgência de ampliar ou redimensionar os cursos de formação de professores, pois a academia é uma caminhada importante, onde pode-se construir uma prática significativa e reflexiva. Ainda se observa correntes tradicionais, onde saem educadores com uma visão simplista, com receitas prontas e justificativas para as dificuldades encontradas no âmbito escolar e trabalha-se para alunos não sujeitos da aprendizagem e da pesquisa, e sim receptores de conhecimentos. O educador acaba realizando aulas meramente memorativas onde se transferem conhecimentos sem relação com a vida do educando. Portanto, faz parte da profissão de educadores (reflexivos) não aceitar e receber tudo pronto, “nem nós nem nossos alunos”, por sua vez os centros de formação de professores precisam parar de transferir conhecimento. Segundo Freire (1984, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para produção, ou a construção”.

Com o desafio de construir conhecimento, amplia-se a responsabilidade dos educadores perante a reflexão permanente sobre seu trabalho e de seu desenvolvimento. Também é preciso preocupar-se com a sensibilidade e humanização das pessoas, isto é, através da sua criatividade e capacidade de capturar, abstrair as necessidades do educando, fazendo com que se humanizem, ou seja, que tenham a possibilidade de integra-se conscientemente em seu contexto. Nas palavras de Freire (1997, p.76), está claro que o ponto de partida para a reflexão é a inconclusão do ser humano de que desenvolveu consciência, onde a educabilidade e também a busca, a curiosidade faz perceber que nenhum conhecimento é cabal. A competência de aprender de todos e a oportunidade de transformar a realidade, sendo intervindo ou até mesmo recriando.

Para isto, os educadores precisam ser capazes de ensinar e também aprender coletivamente, capazes de recusar as falsas ideologias e ensino bancário, que, de acordo com

Freire (1984 p. 27), deforma a criatividade tanto do educador como do educando. Deste modo, o educador precisa manter vivo o gosto da rebeldia e a curiosidade do educando, assim como incentivar o risco, a aventura, pois estas atitudes enfraquecerão o ensino bancário, ou melhor, do falso aprendizado que ocorre neste processo apassivador.

O pedagogo escolar deverá ser o agente articulador das ações pedagógicas e curriculares assegurando que a organização escolar vá se tornando um ambiente de aprendizagem, um espaço de formação continuada onde os professores refletem, pensam, analisam, criam novas práticas, como sujeitos pensantes e não como executores das decisões burocráticas. (LIBÂNEO, 2004, p.41)

Para o educando atender e ao mesmo tempo perceber o que é bom e o que é ruim das diversidades do século XXI, a prática pedagógica dos educadores deve ter ousadia, inovação, novos olhares e sensibilidade, pois temos que oferecer condições ao educando para que eles se tornem cidadãos criadores, investigadores, inquietos, curiosos, persistentes, sonhadores, e humanizadores. Para que isto aconteça com o educando, primeiramente o educador precisa vivenciar estes momentos e assumir-se como gente que ama, sofre, chora e também sorri.

Segundo GADOTTI, (2005, p. 19):

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade, não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria” os filósofos de que falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Henz (2007, p.157,158) aponta aos educadores-gestores cinco dimensões para (re)humanizar a educação, algo que a práxis educativa não pode deixar de lado, que são:

- Dimensão ética-política: qualquer ação educativa tem uma finalidade, estão a serviço de algum tipo de homem e mulher e também de uma sociedade que está se organizando. Perante a estes fatores vimos à importância da consciência dos educadores e educandos para realmente se ter processos de aprendizagens significativas; buscando um redirecionamento nas relações sociais e humanas, onde podem ser superada a dominação e a superioridade.
- Dimensão técnico-científico: é a busca da razão de ser, na sua totalidade, na complexidade, interligando ao mundo que vivemos e a vida das pessoas e a práxis educativas.
- Dimensão epistemológica: o educador trabalhando a partir dos conhecimentos dos educandos que já possuem, refazendo, reconstruindo suas inter-relações, sua pluralidade e novos conhecimentos. Para tanto é fundamental que a “pedagogia bancária” seja substituída pela “pedagogia da pergunta”, assim obteremos educadores e educandos curiosos e indagadores.

- Dimensão estético-afetiva: todas as pessoas envolvidas em práticas educativas precisa assumir-se na sua totalidade, vivenciando a autonomia, a solidariedade, afetividade, a participação, podendo assim aprender/descobrir e reconhecer as possibilidades do mundo e das pessoas.
- Dimensão pedagógica: trata-se de resgatar o “velho pedagogo”, que se coloca acima de tudo e de todos, para aquele pedagogo que caminha junto com o educando, que vão descobrindo e reaproveitando na reciprocidade, dando assim o processo de ensino-aprendizagem. O pedagogo assume responsabilidade de conduzir este processo, oportunizando condições favoráveis. Percebe-se, então, que este educador humanizador não será substituído: educador este aberto para o mundo e para o diálogo e para a permanente formação, pois é ele que é responsável por estes novos saberes, saberes estes não mecanizados, unilaterais, decorados, repetitivos, mas sim construído através dos sentimentos, das crenças, dos sonhos, dos conflitos, enfim o educador pode construir um ambiente dialógico-reflexivo, onde há lugar para as diferentes emoções: lugar que acredita no ser humano pleno e feliz.

Com este lugar, onde as diferentes emoções são respeitadas a escola tem a possibilidade de se transformar num lugar agradável, de modo que todos se tornem conscientes da complexidade de cada indivíduo e também da sociedade, mas acreditando nos sonhos, desejos e esperanças.

Mas o que significa educar para a humanização, ou seja, educar a fim de uma ação transformadora? Segundo HENZ (2007, p. 161):

Uma práxis educativa a serviço da atividade humana na sua inteireza, fará brotar e florescer uma outra necessidade ontológica do ser humano: a esperança. Educar implica sobretudo confiar na capacidade de cada homem e mulher para superar os obstáculos desvelados e lançar-se na construção de inéditos viáveis ; educar é sonhar, ter projetos, é confiar num futuro melhor para todos(as).

Com isto precisamos de uma formação permanente, esta formação é fundamental, porém nada vale se for voltada para a memorização e a tecnização. Segundo Arroyo (2000, p. 38) “a visão tecnicista da história sempre foi empobrecedora no campo da Educação Básica, pois simplifica demais as análises de um campo social e cultural tão complexo e termina adiando a solução de problemas que pretende resolver reduzindo-os ao domínio das técnicas”. Precisamos olhar a prática ontem, refletir criticamente sobre ela e construir ou reconstruir uma nova prática; porém salienta-se que a criticidade deve basear-se nas teorias, aproximando, cada vez mais, a prática da teoria e não a repetição mecânica do presente e do passado.

A reflexão crítica e consciente sobre a prática, bem como a leitura do mundo, o domínio das teorias e métodos são bastante importantes e necessários para conseguirmos articular o conhecimento teórico com a prática, porém não é suficiente. Precisamos de uma nova postura humana e pedagógica, para conseguir entender o que as crianças falam, sem

encaixar dentro de técnicas e grades curriculares, precisamos educar para a sensibilidade, precisamos tratar os “saberes humanos” (como há muito tempo acontece nas escolas) além dos conteúdos, matérias, conhecimento, bimestre, aprovação ou recuperação, precisamos recuperar a auto-confiança e a auto-imagem de meninos e meninas, fazendo com as crianças possam demonstrar os sentimentos e emoções a cada gesto.

Segundo Gadotti (2005, p.50), as escolas continuam com ênfase em ensinar, dar aulas sem se preocupar com o processo de construção deste aprender, portanto o autor defende que precisa-se parar pra pensar no que estamos fazendo.

Com isto, acredita-se que primeiramente é necessário o educador cultivar a sensibilidade, a esperança nele próprio, e tornar o “educador” educado para isto, que parece-nos que muitos educadores não foram educados para a sensibilidade, para o diálogo, assim conseguirá escutar e revelar os significados de cada ato, de cada gesto, tornando um educador reflexivo capaz de “captar” os anseios dos educandos e trazendo para a sala de aula uma prática significativa para os educandos e para si próprio. Assim, pode-se esperar um ser humano que consegue estabelecer uma relação recíproca consigo mesmo, com sua bagagem cultural e com o mundo externo e, em consequência, a possibilidade de pessoas mais humanas e seguras e uma sociedade mais justa e mais fraterna.

As palavras de Arroyo (2000, p. 46):

Tornar um professor reflexivo, capaz de tematizar práticas pode ser demasiado racional para captar processos tão surpreendentes como acompanhar a formação da infância e adolescência. Por que insistir tanto em cultivar a capacidade de reflexão tematização e não de sensibilizar-se de ler, dialogar, escutar a infância e adolescência? Cultivar os educadores(as) o hábito de refletir sobre o real é necessário, porém não secundárias, outros traços de uma autoformação formadora.

Este aprendizado da sensibilidade, da utopia, da esperança não se esgota em cursos, reciclagem, titulação porque todo dia é um dia novo, é recomeço, por isso que muitas vezes observamos “novo método, nova didática, nova competência, nova habilidade”, mas nunca trás resultados positivos para a educação porque é sempre visto como técnica fechada, com visões fragmentadas. Precisamos de uma prática verdadeira onde as pessoas aos sujeitos inconclusos, aprendentes, capazes de interagir com o mundo, dialogar, refletir, tomar decisões, sonhar e projetar de acordo com a história que está sendo traçada pelo viés do sentir e pensar de cada um.

Para isto é necessário dominar e conhecer a teoria, de ter conhecimento da sua profissão, de ser um eterno aprendiz, o educador precisa ter uma leitura do mundo como

inacabado, precisamos viver todo e qualquer saber pedagógico, através do diálogo, da construção, da experimentação e da sensibilidade.

Se a prática pedagógica de cada educador fosse um desafio permanente ao educando, dando a oportunidade para cada um se tornar sujeito da sua história, sujeito do mundo o educando se sentiria parte de uma história e de um tempo inacabado. Assim, este sujeito se tornaria responsável e consciente na medida de fazer escolhas e optando pelo melhor.

Talvez muitos educadores até lessem, mas passa despercebido, sem fazer sentido, entretanto Freire (1998, p. 33) vem nos questionando, o porquê de não aproveitar a experiência que têm os alunos, discutindo o concreto da vida de cada um, associando e elencando soluções ou alternativas para uma vida melhor, ou seja estabelecer uma relação entre a realidade e os saberes curriculares. Somente ao educador cabe esta função de ter a sensibilidade e a consciência para manejar e extrair resultados favoráveis para a aprendizagem.

Outro fator importante que não podemos deixar de citar para a prática pedagógica significativa é clareza de seus objetivos, de “que homem quer” e “que sociedade deseja”, “para quem sua prática está servindo”, e a “que favorece”, pois parece que estas questões não estão evidentes no ato pedagógico, sem isto a prática docente torna-se um simples exercício, fazer pelo fazer. Para que isto não aconteça, o conhecimento profundo sobre a teoria que embasam a prática, bem como o conhecimento das políticas públicas em relação à educação, torna-se algo indispensável e proporciona segurança frente ao que falamos e perante a nossa prática.

Para esta nova sociedade, a heterogeneidade do educador é importante, pois é capaz de ver a educação de vários ângulos, capaz de investigar, de ser reflexível, enfim viver este tempo; segundo Gadotti, viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Aquele velho professor não serve mais, será necessária uma transformação do velho para um novo professor adequando-o nesse novo tempo e educar para o mundo globalizado. Este novo olhar sobre a educação, onde não enfatiza mais a memorização de conteúdos, alicerça-se um novo “indivíduo”, um indivíduo progressista e esperançoso.

Muitos cursos, seminários e congressos surgem para “reciclar” o profissional da educação, porém nada vale se o educador não tem a leitura do mundo da realidade onde está inserido. Segundo Freire (1998, p. 90), “isso tudo vem explicitado ou sugerido no que chamo leitura do mundo que precede sempre a leitura da palavra”. Aquele educador que consegue ter a leitura do mundo “contextualizada”, com certeza fará um trabalho significativo, onde trará benefícios para a comunidade, assim o engajamento da “escola” será melhor.

A aula do educador democrático é um verdadeiro movimento, tanto no pensar, como na ação. As perguntas são frequentes, as respostas não vêm prontas, são construídas com o grupo. A curiosidade despertada no aluno é fundamental para o processo ensino-aprendizagem e para a construção do cidadão. Ainda Freire (1998, p. 98) comenta “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfeição do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

Podemos dizer que uma prática pedagógica que inibe a curiosidade do aluno, também inibe a do educador, pois neste espaço acontece uma relação de subordinação, alienação e autoritarismo. É claro que este educador quer uma memorização mecânica de suas aulas e não aulas de perguntas, uma aula dialógica, uma aula com movimento de ação e pensamento.

Certamente, um educador que reflete sobre sua prática, não se preocupa somente com os conteúdos programáticos, com horários a cumprir, avaliação quantitativa, mas sim sobre como os conceitos e notas chegam até os alunos. Porém o educador que não acredita na sua capacidade, que não se esforça para desenvolver sua função, não tem força para manter sua prática significativa; muitas dificuldades encontram no caminho.

Todo o educador que se esforça para realizar um bom trabalho tem a clareza que o educando faz imagens sobre seu trabalho e também sobre sua pessoa, seja uma boa imagem ou até mesmo uma má imagem. Para isto, a sensibilidade deve acompanhar o educador a cada ato que venha acontecer na sala de aula, para que possa construir um ambiente favorável, ou seja, um lugar de relações confiáveis. Enfim, nenhum educador passará despercebido pelos educandos, pela escola e comunidade. Pode-se afirmar que não existe um espaço de aprendizagem neutro - segundo Freire (1998, p. 110), “O espaço pedagógico neutro, é aquele em que se treinam os alunos para práticas as políticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra”.

Os educadores reflexivos, coerentes e competentes transpassam as paredes da sala de aula, programas de conteúdos e notas, nossas ações vão além, interfere na vida de cada educando e também no mundo. Este educador que se busca hoje tem gosto pela vida, acredita num mundo melhor, respeita qualquer diferença e rejeita qualquer tipo de discriminação, tem consciência do seu papel para modificar a realidade; enfim, vive cada minuto da sua profissão.

Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra desengano que me consome e imobiliza.

Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, e não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre risco de

se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. (FREIRE, 1998, p. 115-6)

O educador reflexivo busca a quebra do silêncio que está impregnado na sua prática, substituindo por uma relação dialógica, pois só se aprende a construir e a tomar decisões, decidindo e dialogando com as pessoas. A relação vertical que a educação usou e talvez ainda use não almeja educandos conscientes, que tenham iniciativa e autonomia. Trata-se de desenvolver algumas qualidades para realizar reflexão “legítima” da nossa prática: humildade, alegria, gosto pela vida, abertura a mudanças e disponibilidade; só com estas qualidades que vamos realizar a reflexão necessária para a mudança de nossa prática. A reflexão por si só não tem valor; só tem valor; aquela que proporciona a melhoria da prática cotidiana.

No entanto, não existe atividade docente sem educando, mudar a nossa prática para libertá-los, ou seja, oferecer-lhe uma educação aberta para o mundo, para isto, o educador inovador precisa estar preparado frente a todos os desafios da atualidade.

Para começarmos a construir uma nova história, deixando para trás as falhas que discutimos anteriormente, busca-se educadores: democráticos, curiosos, coerentes, comprometidos, pesquisadores, leitores, observadores, críticos; educadores que cultivem a busca permanente do conhecimento, instiguem o aluno e o escutem, esperançosos, que respeitem as diferenças e os saberes dos educandos, humildes, com perspectivas progressistas, desafiadores e eternos aprendizes. Assim estarão educando preparados com e para a vida e também para uma sociedade mais justa, onde todos tenham condições de viver com dignidade e cidadania.

Nesse sentido todos os profissionais da escola, principalmente os gestores precisam estar comprometido com uma visão emancipatória e reflexiva, pois os educadores precisam de apoio destes a fim de proporcionar a reflexão sobre a prática, escutar seus anseios e necessidades e também buscar soluções no grande grupo enfim ser um companheiro no cotidiano escolar. Se não se consegue alcançar os objetivos de uma educação humanizadora num sentido amplo, começa-se com mudanças pequenas, ou seja, nas coisas mais simples como: nas relações de professor/aluno, professor/professor, na maneira de focar o conteúdo, a maneira de ver e sentir, pensar e agir na escola, na sociedade e na própria vida. Precisa-se fazer a diferença na vida pessoal e profissional, onde consiga contagiar os educandos e assim eles consigam fazer parte de uma práxis educativa consciente e aos poucos aprendam a ser gente, enfim, como Freire diz muito em suas obras, “a escola existe por que existem pessoas, gente, alunos, educadores.”

### **A Escola**

Escola é o lugar que se faz amigos.  
Não se trata de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobre tudo, gente.  
Gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente, o coordenador é gente.  
Cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
Na medida em que cada um  
Se comporte como colega, amigo, irmão...  
Nada de “ilha cercada de gente  
por todos os lados”.  
Nada de conviver com as pessoas e depois  
Descobrir que não tem amizade a ninguém;  
Nada de ser como tijolo que forma a parede,  
Indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar,  
Não é só trabalhar...  
É também criar laços de amizade,  
É criar ambiente de camaradagem,  
É conviver, é “se amarrar nela”!  
Ora é lógico...  
Numa escola assim vai ser fácil  
Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se  
E ser feliz!

Paulo Freire

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo monográfico problematizou sobre os desafios de ser um educador atuante nesta sociedade, buscando apontar algumas reflexões a cerca da gestão democrática, o próprio ato de refletir, bem como uma gestão co-partilhada, onde todos são responsáveis.

Percebemos que muitas concepções e práticas docentes se apresentam de modo fragmentado, individualista, bem como os educadores possuem um conhecimento e um envolvimento superficial sobre as questões apresentadas. Isto demonstra uma necessidade de clareza, aprofundamento e inclusão a respeito desta temática. Porém, é necessário reconhecer que os educadores se dão conta dos desafios atuais. Entretanto há um distanciamento entre o pensar e o agir, sendo estas dimensões encaradas como um processo que ocorrem separadamente.

Retomamos aqui, mais uma vez a Freire (1998, p.52):

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.

Acreditamos e defendemos que são necessárias a superação das concepções fragmentadas sobre Prática Docente e Gestão Democrática, passando a compreendê-las como dimensões inseparáveis, dando um significado real a cada uma delas.

A reconstrução da identidade do educador é possível no momento que cada um conseguir realizar uma reflexão de si próprio e da sua prática, dando oportunidade de se modificar, tornando sua prática significativa a todos seus educandos. Esta reconstrução da identidade baseada no compromisso com a mudança, no diálogo, na troca coletiva de saberes, renova-se a cada instante uma educação humanizadora.

Para então pensar em uma educação humanizadora exige pensar em gente, gente/professor, gente/aluno, gente/gente, pensar em seus propósitos, seus projetos de vida, sonhos e possibilidades. Precisa-se saber que tipo de homem e sociedade pretende-se construir. Esses são elementos essenciais para se trabalhar com toda a comunidade escolar.

Embora as propostas e leis sejam claras, em relação à gestão democrática, a realidade está longe da teoria. É necessário que os educadores (re)pensem, (re)discutam, (re)reorientem,

(re)direcionem o olhar docente acerca das concepções que vem permeando as práticas educativas através do trabalho coletivo, seja ele de debate, estudo ou formação continuada.

É esta prática coletiva que dá força e impulsiona as práticas de gestão, sendo que todos são participantes/atuentes na elaboração/construção/execução e avaliação do trabalho coerente, democrático e participativo.

Com este trabalho coletivo os educadores gestores podem romper com esta fragmentação imposta e institucionalizada, desde que a gestão democrática seja efetivada na prática. Portanto, há muitos desafios a serem assumidos pelos educadores. Primeiramente o desafio da coletividade, onde é preciso resgatar a esperança, o sonho, a utopia, a humanização na educação, no ensino, na comunidade, a confiança em si próprio e em seus educandos.

Portanto, muitos desafios os educadores tem neste momento de incertezas e novos rumos da educação e sociedade, no qual acreditamos o maior deles é tornar a escola um lugar de relações, de reciprocidade, resgatando a esperança na educação e em todas as esferas, começando por fazerem as pessoas se sentirem “gente”, onde cada um possa se sentir sujeito no processo de construção de uma gestão democrática e, assim, consigam desde muito cedo vivenciar o diálogo e a amorosidade em toda a ação realizada.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola Reflexiva**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagem**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAPTISTA, Marisa T. D. S. **A identidade do professor universitário**. São Paulo, 1992. Tese de Doutorado – PUC RS.

CANDAU, Vera Maria. **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Júlio César. Aprendizagem significativa e ação docente: em busca de um fazer coerente . IN HENS, Celso,ROSSATO Ricardo(org). **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Curitiba: Positivo, 2005.

GANDIN, Danilo. **Temas para um projeto político- pedagógico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HENZ, Celso, ROSSATO, Ricardo. **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.

LIBÂNIO, Jose C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

\_\_\_\_\_. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUCK, Heloisa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis: Vozes 2006.

NÓVOA, Antônio. Concepções e práticas da formação continuada de professores. In: NÓVOA, Antônio. **Formação continuada de professores: realidade e perspectiva**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

PARENTE, Marta, LÜCK, Heloisa. **Mapeamento da descentralização da educação brasileira nas redes estaduais do ensino fundamental**. Brasília: IPEA/ Consed, 1999.

PIMENTA, Selma G. A prática (e a teoria) docente ressignificando a Didática. In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S. **Confluências e Divergências entre Didática e Currículo**. Campinas: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. A didática como mediação na construção da identidade do professor - uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In OLIVEIRA, Maria Rita N. S. **Alternativas do Ensino de Didática**. Campinas: Papirus, 1997.

RAIS, Oswaldo Alonso. **Educação: Ensaio reflexivo**. Santa Maria: Pallotti, 2002.

ROMÃO, José E. **Autonomia da escola: princípios e proposições**. São Paulo: Cortez, 1997.